

# Nome do bairro divide moradores de Tancredo Neves

Parte da comunidade defende que área volte a se chamar Beiru, em referência a um ex-escravo de origem iorubá

Fotos de Marcio Costa e Silva

Ciro Brigham

O itinerário é o mesmo, mas a indicação no letreiro mudou. Há duas semanas que, para fazer o trajeto entre o centro da cidade e o bairro onde mora, dona Maria do Socorro pega o ônibus Beiru/Tancredo Neves. "Antes estava escrito só Tancredo Neves", informa. A mudança, a primeira vista pouco representativa, é fruto de uma discussão bem mais complexa e acalorada: a escolha de um nome definitivo para essa área entronhada entre Engomadeira, Sussuarana, Nandiba e Paralela.

Até um plebiscito teria sido convocado no bairro para o último dia 11 de setembro, mas acabou nem acontecendo tamanha a confusão criada entre os que defendem a permanência do nome atual (Tancredo Neves) e os que querem de volta a referência atribuída a um ex-escravo negro de origem iorubá do século XIX, que habitou por ali.

"Não temos nada contra o ex-presidente, mas queremos preservar nossas raízes", explica Roberto dos Santos Freitas, da Associação Cultural Mundo Negro. "Hoje o pessoal tem orgulho do nome do bairro ser Tancredo Neves, é questão de honra e status", rebate

Dionísio Juvenal, ex-vereador e ex-presidente do conselho de moradores.

Tancredo Neves morreu em 21 de abril de 1985. Menos de dois meses depois, no dia 2 de junho, o bairro soteropolitano, que nunca vira de perto o presidente mineiro, prestava-lhe uma homenagem, rebatizando-o com o nome do político. Segundo o então presidente do Conselho de Moradores do Beiru, Dionísio Juvenal, mais de cinco mil pessoas decidiram em plebiscito pela mudança. "A maioria esmagadora escolheu pelo voto. Se tiver que mudar de novo, que seja da mesma forma", defende.

Na maré contrária que promete levar a discussão às últimas, Roberto Freitas questiona. "Foi um processo obscuro, a toque de caixa", diz. Com base em alguns documentos expedidos por órgãos oficiais que ainda utilizam como referência o nome Beiru, Freitas encaminhou ao Sindicato das Empresas de Transporte Público de Salvador (Setps) a solicitação de mudança no letreiro dos ônibus, efetivada na prática há cerca de 15 dias.

**O bairro de Tancredo Neves, ex-Beiru, ia realizar um plebiscito para discutir o nome**



Eldon Lage investiga a história de escravo

## Registros oficiais

Os registros visuais que dão conta do antigo nome do bairro já são bastante escassos. Uma casa de material de construção aqui, uma quitandinha ali, a referência que se perde na nomenclatura do comércio local do vez em quando aparece numa conversa. Muitas vezes, o nome Beiru surge para diferenciar o bairro da movimentada avenida de Salvador que também remete ao mineiro morto antes de tomar posse como presidente da República.

Até nas indicações oficiais, existe ambiguidade. Em documento assinado pelo gerente de operações Miguel Martinho dos Santos Junior, os Correios têm cadastrado o bairro Tancredo Neves, além das denominações T. Neves e Beiru. Para a criação de CEP e atualização e modificação de registros, a empresa informa que utiliza o cadastro da prefeitura (Cadastro 2000), onde consta o nome Beiru como zona de informação (ZI) e Tancredo Neves como descrição de região administrativa (RA).

A Secretaria Municipal de Saúde informa, através de documento assinado pela subsecretária Aglaé Sousa, que mantém a denominação Beiru para o distrito sanitário da área desde que foi criado, em 1988, e que nunca recebeu qualquer solicitação para alteração do cadastro. A titular da 11ª Delegacia, Maria Imperatriz Cardoso, também nega ter encontrado um pedido des-

sa natureza ou mesmo ofício informando a mudança. Já as placas dos postos ligados ao 23º Comando de Guarda da PM trazem estampada a referência à celebridade política.

O diretor legislativo da Câmara de Vereadores, Beringo Moreira, atesta por escrito que não há legislação oficial alterando o nome da localidade. "A gente não cria bairro por decreto, isso não é imposição de governo. Nome de bairro é pelo clamor popular", responde o ex-vereador com quatro mandatos, Dionísio Juvenal, dando como exemplo a reivindicação dos moradores da antiga invasão das Malvinas, que virou Bairro da Paz.

Segundo Juvenal, um dos motivos que levou a população local à escolha de um novo nome para o Beiru, em 1985, foi a associação do nome do bairro à violência. "As pessoas tinham vergonha do endereço e muita gente colocava que morava no Cabula", argumenta. Por mais incrível que pareça, um outro motivo era as rimas formadas com a terminação da palavra.

Uma reportagem do jornal *Tribuna da Bahia*, na edição de 29 de maio de 1985, afirmava que "não somente a toponímia como também questões de ordem moral" eram responsáveis pela discussão e o plebiscito que terminaria rebatizando o Beiru. "O nome atual permite rimas imorais e indecentes", dizia a reportagem.

Entrevistas num gravador, a cópia de uma planta do início do século XX, uma velha escritura lavrada em cartório e muita paciência: é tudo com o que conta o procurador e pai pequeno do terreiro São Roque, Eldon Araújo Lage. Gígio, como é mais conhecido, é um obstinado na investigação e recolha de evidências sobre a vida daquele que primeiro deu nome ao bairro hoje chamado de Tancredo Neves.

Conforme sua pesquisa, a localidade está situada numa zona que pertencia à Fazenda Campo Seco (século XIX). Uma área denominada "capoeirão" teria sido doada pe-

la família Hélio Silva Garcia em 1845 ao ex-escravo Gibeiru, dono de total confiança dos proprietários. "Ele foi comprado como os outros escravos da fazenda, mas adquiriu a gratidão da família por tê-lo defendido numa disputa com o ramo dos Garcia d'Ávila", descreve Gígio.

Segundo depoimento de Faustino do Coco (antigo morador do bairro, já morto), toda a responsabilidade pela administração da fazenda e escoamento da produção de abacó (fruto de massa amarela bastante consumida na época) passou a ser de Gibeiru. A fama atraiu ao local negros fu-

gidos, excluídos e alforriados, além de mulatos e caboclos que também tiveram seu apoio. "Diferente de outros quilombos, ele nunca precisou recorrer à agressividade ou aos ataques de munição, porque tinha a amizade da família Silva, a Garcia", coloca Gígio.

O procurador do terreiro São Roque da Nação Angola, que ele faz questão de chamar pelo nome quimbundo Onzo N'Zumbi Tumbula Dicoa Meia Da Jandalunda, estima que o negro Gibeiru tenha morrido ainda no final do século XIX. A partir daí, a área que dominava passou a ser chamada de Fazenda Beiru. Após a morte do ex-

escravo, a família Hélio Silva Garcia requereu em cartório a parte que havia doado ao negro, e acabou vendendo toda a propriedade em 1910 para o primeiro pai de santo do bairro, Miguel Archanjo de Souza.

Foi Miguel Archanjo que fundou a Nação Amburaxó, vertente da Nação Angola que tem como descendentes apenas, segundo Gígio, os terreiros São Roque, no Beiru, e de Oxum, na Ribeira. Na década de 20, parte das terras foi comprada por José Evangelista de Souza, o Cazua. Ele arrendou e vendeu pequenos lotes de terra, que juntos, dariam feição ao atual Beiru.

## História é recuperada

Por enquanto, Gígio é o único a reunir elementos que podem indicar a relação direta de um ex-escravo com o nome que tinha o bairro Tancredo Neves até 1985. "Na minha visão, ele foi mais do que um negro escravizado. Mostrou inteligência, capacidade, domínio das funções do dia-a-dia e foi responsável por um perfil diferenciado de quilombo", diz o pesquisador.

"Gostaria até de saber se era branco, preto, ou se era

uma pedra. Não tem nada na literatura que me diga quem foi ele. Qualquer pessoa pode criar uma história, um mito. Os estudos sobre quilombos levam anos, é preciso colher dados para identificar", argumenta Dionísio Juvenal, defensor do nome Tancredo Neves e que se diz também pesquisador.

Mesmo que algumas lacunas ainda precisem ser preenchidas, o caminho das investigações de Gígio parece cor-

reto para um dos maiores historiadores da Bahia. "O Beiru sempre foi uma zona de quilombo desde a independência. A história é bastante possível, sim", coloca Cid Teixeira.

Apesar de nunca ter investigado sobre Gibeiru, o historiador lembra que conheceu o pai de santo Miguel Archanjo. Tanto ele quanto as filhas "Senhorazinha" e Guilhermina haviam citado o ex-escravo. "Ele existiu, só não sabemos de detalhes da sua vida", garante.

Acerca do fato da literatura nunca ter se debruçado sobre algum ícone da localidade, nada mais natural para Cid Teixeira. "O Jardim de Alá se chamava Caxundê, era um quilombo, seu nome se perdeu. Ali perto do Aeroclube havia a Armação do Carimbamba, mais um nome que se perdeu. As histórias existem, estão apenas aguardando quem as pesquise", reflete.

O motorista José Cerqueira, 65 anos, pensa da mesma forma. "O nome atual já está espalhado. Além disso, Beiru é até feio, Tancredo Neves é mais *society*", diz sorrindo, e completa: "Até em documento a gente ia ter que mexer". Já a estudante Eliana de Jesus tem outro raciocínio. "Eu acho melhor que volte a ser Beiru, porque foi esse nome que deu origem a tudo isto aqui".

Na linha de frente dos que defendem o retorno às origens, estão os candomblés do bairro. "Jamais era para ser mudado. Tancredo Neves não tem nada a ver com a nossa realidade, com a nossa história", comenta Clarice Santiago Santos, 75 anos, a "Minha Gau", mãe-santo de um dos mais tradicionais terreiros da área.

## Zona de quilombo

## Medo da confusão

comodismo e acreditam que manter o nome do ex-presidente seja a solução mais adequada.

"Antes, a gente era acostumado com Beiru e tiraram. Agora que a gente já se acostumou com Tancredo Neves, querem mudar de novo?", questiona a ambulante Maria Erenice, 39 anos. "Tem gente que nem sabia

que o Beiru existia. Quando passou a chamar Tancredo Neves, isso mudou. Melhor ficar como está agora", defende o comerciante Ivan Souza de Assis, 25 anos. "Todos os endereços que eu dou são Tancredo Neves. Se troca de novo, confunde o mundo", comenta o aposentado Arquimedes Moreira de Queiroz, 77 anos.



**Boa parte dos moradores preferem o nome Beiru, uma referência a um escravo**